

Às pessoas que afirmam possuir órgãos perceptores de fenômenos "ocultos". Outras afirmam que todos nós possuímos esses órgãos em estado sub-desenvolvido. Eses órgãos, sejam eles comuns a todos os homens ou propriedade de um poucos eleito, estendem o terreno do perceptível pelos sentidos "vulgares". Infelizmente parece estar a posse e o desenvolvimento do órgão "oculto" oposto ao intelecto. A inteligência e a clarividência parecem inversamente proporcionadas. O aumento de uma parece acarretar a diminuição da outra. A consequência de se fato infeliz é a imbecilidade que caracteriza a grande maioria dos depoimentos dos clarividentes. É devido a essa imbecilidade que o terreno "oculto" se apresenta tão singularmente desinteressante. Os fenômenos que ocorrem nesse terreno, todos estes espíritos, espectros, anjos e demônios, são de uma simplicidade enfadonha que contrasta com a complexidade misteriosa dos fenômenos percebidos pelos sentidos "vulgares". Além disto pertencem os clarividentes todos a uma escola filosófica que o termo "realismo ingênuo" denomina. Acreditam que os fenômenos percebidos são a realidade. Têm eles portanto uma fé muito mais sólida nos espectros de que nós, seres desencantados, temos nas pedras. Para eles, espectros são realidade, para nós, a realidade é um espectro. Isto torna o diálogo com eles um tanto difícil. Ado o nosso orgulho de intelectuais, isto é de "ofuscovidentes", tendemos a desprezar os clarividentes. O propósito do presente artigo é combater esse orgulho. É a tentativa de pôr em parentese o nosso orgulho para permitir que os depoimentos dos clarividentes nos digam respeito. Para isto escolhi um determinado depoimento, chamado "antropocofia".

Considerem uma planta. É um fenômeno que se distingue de outros, por exemplo de uma pedra, pela sua estrutura. Dizemos que a planta é um organismo. Os elementos dos quais a planta consiste, as partículas atômicas, são semelhantes aos que perfazem a pedra. Mas há uma tendência na planta de organizar estes elementos em estruturas, uma tendência que a distingue da pedra. O mundo dos fenômenos inorgânicos, (com exceção dos cristais), tende de um estado de organização para um estado de desorganização de acordo com um princípio que a segunda lei da termodinâmica estabelece. Esse princípio se chama "entropia". O mundo dos fenômenos inorgânicos tende para o caos, chamado "morte de calor" pela cosmogonia moderna. Na planta, esta tendência se inverte. A planta é um processo oposto à tendência geral do mundo. É negentrópica a planta. Reformulando o que acaba de dizer, na linguagem cibernética, disse o seguinte: no mundo como um todo diminui a informação e aumenta o ruído. Na planta aumenta a informação e diminui o ruído. É isto que temos em mente ao dizer que a planta é um ser vivo. Ela é um processo informativo, no sentido de organizar elementos do mundo inorgânico em determinada estrutura.

Olá bem, a antropocofia afirma que essa estrutura pode ser percebida pelos órgãos "ocultos". O clarividente, quando contempla a planta, "vê" a estrutura informativa da planta. Ela se apresenta como uma capa que envolve a planta, como um segundo "corpo" da planta. O clarividente tem a vivência imediata da estrutura informativa da planta na forma de um corpo. É percebe, além disto, outros tipos de corpos, que se dão em planos diferentes. A estrutura do comportamento dos animais, esse conjunto mal definido que chamamos "instintivo", ele a percebe como um corpo. A estrutura percebida conscientemente pelo ser humano é a consciência humana.

processos que informam a história da humanidade e resultam nas sociedades, e percebida por ele como uma hierarquia de corpos que dirigem literalmente a história da humanidade. Está ele portanto diante de um mundo supra-sensível, (isto é superior ao mundo dado pelos sentidos "vulgares"), que consiste de corpos vegetativos, anímicos, psíquicos e sociais, e que se lhe apresentam vivencialmente. A nomenclatura a qual o clarividente recorre para denominar os corpos é desconcertante para a mente civilizada, e especialmente o nome do corpo da estrutura social não ridicularmente grotescos. São anjos, arcanjos e divindades, entre os quais o Arcanjo Miguel, parece corporificar uma tendência mais cadamente atuante na sociedade da atualidade. Desconsideremos essa nomenclatura, e tentemos enquadrar esta cosmovisão no conjunto da conversação civilizada.

O que "vê" o clarividente, e o que são aqueles corpos que se lhe apresentam? Vê a estrutura do mundo fenomenal, (no sentido "vulgar" deste termo), e os corpos são modelos dessa estrutura. O materialismo da sua cosmovisão é chocante. Aquilo que para nós é puramente especulativo, (os "modelos"), se apresenta para ele como corpos. O metabolismo da planta é um corpo. O comportamento do animal é um corpo. Os processos psíquicos são corpos. As tendências da história são corpos. A dialética histórica, por exemplo, é uma luta travada literalmente entre Lucifer e Ahriman, (se é que compreendi esta fase do argumento). Mas eliminado este aspecto de um materialismo primitivo, é surpreendente como concorda esta cosmovisão com a nossa. Reconhecemos todos esses corpos como sendo nossos modelos. Estes corpos astrais e etéricos, esses anjos e demônios, pululam na nossa ciência e filosofia. Se formos a condenar a antroposofia como mitologia, estaremos condenando a nossa ciência e filosofia como mitologia. Todo argumento contra o corpo astral é um argumento contra Freud, e todo argumento contra Lucifer é um argumento contra Marx e Hegel. Toda tentativa de ridicularizar a Antroposofia para minimizá-la, é a tentativa de ridicularizar o pensamento humano. Infelizmente o problema não é de solução tão fácil.

O clarividente dispõe de órgãos para captar os fenômenos do mundo supra-sensível dos quais nós não dispomos. Mas será isto verdade? Não captamos, nós também, de uma forma ou outra, os nossos "modelos"? Não será a faculdade "oculta" do clarividente algo muito semelhante aquilo que chamamos "teoria"? Não será a sua visão uma visão teórica, embora seja vivenciada de forma diferente? Não será "clarividência" sinônimo de "teoria"? Por certo, há diferenças existenciais entre os dois termos. A visão do clarividente é mais imediata, menos crítica e mais confusa que a visão do teórico civilizado. Mas sabemos que há momentos na visão teórica, nos quais os "modelos" se tornam quase palpáveis. E o fundador da antroposofia, Rudolf Steiner, é suficientemente civilizado para alcançar um mínimo de crítica e clareza. Sabemos ainda que a fé nas suas visões, as quais o clarividente está disposto de defender com unhas e dentes, (já que, afinal, "viu realmente" os corpos), não é estranha ao teórico, (já que, afinal, os seus modelos "representam a realidade"). Parece-me que as semelhanças entre a antroposofia e outras disciplinas esotéricas de um lado, e a ciência e filosofia do outro, são muito mais importantes que as diferenças.

Qual é o motivo da antroposofia? Negar a morte. A morte não passa de ilusão dos sentidos "vulgares". O clarividente vê como, depois da morte biológica, os demais corpos astrais continuam funcionando, até se encarnarem de novo. Haverá uma ú-

tima reencarnação, ou será o processo de reencarnação um processo eterno? Já que ambas alternativas desvendam a absurdidade do processo todo, a antroposofia se perde em evasivas. Do ponto de vista sartriano a antroposofia é "salaud", é uma fuga da morte. Mas será tão diferente a nossa teoria? Por que construímos modelo da realidade, senão para negarmos a sua absurdidade? E por que pensamos teoricamente, senão para alcançarmos, (de uma forma um pouco mais sutil, por certo), a imortalidade? A ciência e a filosofia teóricas são tão "salauds" quanto o é a antroposofia. Ou, reformulando: a ciência e a filosofia teóricas são tentativas tão desesperadas, quanto o é a antroposofia, de negar a morte, de negar o absurdo, e afirmar a dignidade humana.

Mas há uma diferença, e esta me permite depor decisivamente contra as disciplinas esotéricas e a favor da teoria. Essa diferença não reside no maior rigor da teoria ou no seu maior refinamento. Nem reside na sua suposta objetividade e controlabilidade. Nem na sua refutabilidade e no caráter hipotético dos seus enunciados. Reside, a meu ver, na limitação de campo da teoria. As teorias, em seu conjunto, explicam "tudo", exatamente como o faz a antroposofia. Mas este "tudo" é mais restrito, se me permitem um paradoxo. A mente empenhada em teoria sabe intimamente da limitação de seu campo. Está portanto aberta para a fé religiosa. Há um mistério que envolve o campo de qual trata a teoria, e esse mistério é impenetrável teoricamente. O saber, mesmo no sentido teórico, é uma ilha rodeada pela fé de todos os lados. A consciência dessa fé fundante e limitante está sempre presente na teoria. Este sentido está a teoria encarando sempre o nada. Mas o clarividente pode perfeitamente dispensar da fé, já que pode, em estágios avançados, literalmente ver tudo. Não há, em tese, mistério para ele, embora, na prática, fale tanto dos "mistérios que revela". As disciplinas esotéricas são a verdadeira negação da fé, e o seu materialismo ingenuo é, neste particular, muito semelhante ao materialismo do século 18. Os espíritas e seus colegas de diversas denominações são os verdadeiros, (senão os únicos) ateus da atualidade, a despeito e por causa das múltiplas divindades com as quais comungam.

A nossa clarividência é a teoria. Pela visão teórica percebemos o mundo supra-sensível que nos cerca. A lógica formal comprova esta afirmativa ao dizer que os enunciados teóricos consistem de termos não observáveis. A vivência empolgante e inebriante que a teoria nos proporciona, e a sensação estética que acompanha esta vivência, não pode ser inferior à iluminação do clarividente. Ao estarmos empenhados na teoria, rasgamos o véu da aparência e penetramos as regiões "ocultas". Diante da nossa visão teórica desfraldam-se os prados do puro ser pelos quais perambulamos em busca da perfeição e da imortalidade. Somos, graças à teoria, "iniciados", inclusive no significado esotérico e oculto do termo. Mas sabemos, simultaneamente, da absurdidade fundamental desse nosso empenho. Nisto reside a nossa dignidade. Sabemos que, com o pensamento teórico, podemos aniquilar as barreiras que um mundo absurdo e cretino estabeleceu em nosso redor para esmagar-nos. Mas sabemos também que, como existências aqui e agora, acaba sempre por sermos por elas esmagados. Não será esta a verdadeira clarividência, a verdadeira iniciação esotérica no mundo do supra-sensível? Saber da nossa situação absurda, e querer superá-la teoricamente a despeito de tudo?